
O HAPPY END, SÓ QUE NÃO! ANÁLISE DA VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES ATRAVÉS DA COMUNICAÇÃO DO AMOR ROMÂNTICO, CULTURA DE MASSA E CONSUMO”.¹

Bruna PANZARINI²
Universidade Paulista UNIP, São Paulo, SP
Universidade Metodista de São Paulo, SBC, SP

RESUMO

Este artigo analisará a violência contra mulheres através da perspectiva comunicacional, cultural e de consumo que envolve o amor romântico. A ideia é avaliar os dados e avanços provenientes da Pesquisa Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher do ano de 2023, 2021, 2019 e 2017 realizada pelo Instituto DataSenado em parceria com o Observatório da Mulher contra Violência. O objetivo é relacionar os dados da pesquisa e a violência contra às mulheres provenientes das relações íntimas de afeto. A metodologia está pautada na análise documental dos materiais de pesquisa e imprensa do Observatório da Mulher Contra a Violência e a análise bibliográfica à luz da comunicação e consumo.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação, Consumo, Amor Romântico, Violência contra Mulheres e Cultura.

INTRODUÇÃO

Desde o momento que resolvi estudar a comunicação no combate à violência contra as mulheres me deparo com a necessidade de entender as agressões e os seus padrões socioculturais. Termos como: violência doméstica, violência em relações íntimas de afeto, violência entre casais são tópicos e resultados recorrentes em pesquisas, levantamentos e material jornalístico sobre o tema. Logo, para construir meu trabalho é importante buscar a gênese moderna do amor romântico e suas lógicas constituintes

¹ Trabalho apresentado no GP Publicidade e Propaganda XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda de Processos Comunicacionais UMESP e professora UNIP, email:bruna.panzarini@docente.unip.br

como: consumo, cultura e comunicação. Além disso, entender como esses elementos podem ser representativos nos estudos de comunicação no combate à violência contra as mulheres.

Para este artigo, em específico, temos uma pergunta de pesquisa norteadora: A violência contra as mulheres acontece de um amor romântico? Como estão estruturadas as lógicas comunicacionais, culturais e de consumo nas relações íntimas de afeto.

Como metodologia utilizaremos uma análise documental dos materiais de pesquisa e imprensa do Observatório da Mulher Contra a violência (OMV) além dos dados da Pesquisa Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher dos anos de 2023, 2021, 2019 e 2017. Como referencial teórico faremos uma análise de alguns autores que escrevem sobre as mediações culturais e comunicacionais MARTÍN-BARBEIRO (2003), sobre a cultura de massa e o *happy end* MORIN (2007), e consumo e o amor romântico ILLOUZ (2009).

HAPPY END SÓ QUE NÃO! O AMOR ROMÂNTICO E SUAS PARTICULARIDADES.

O amor romântico e todos significados e símbolos que conhecemos faz parte de uma lógica Moderna, mesmo que a invenção seja datada no período aristocrático quando, ainda, a monarquia estabeleciam relações matrimoniais com objetivos de preservação de poder, território e riquezas. A essência do amor romântico surge para dar um tom romanesco a racionalidade da época. Entretanto, o amor romântico se condensa na lógica capitalista e com a burguesia. Quando a família, a casa, os costumes passam a modificar a existência cultural e a forma de viver dos indivíduos.

Faz parte da nossa realidade moderna a mercantilização do romance e a relação entre amor romântico e cultura.

De acordo Illouz (p.31, 2009) existem quatro códigos culturais no processo de mercantilização do romance, o código narrativo (novelas e filmes), código visual (publicidade e filmes), código musical (canções) e código prescritivos (manuais de protocolo, livros de autoajuda y conselhos publicados em revistas).

As flores para amada, as roupas arrumadas, presentes em datas especiais, a aliança que representa o enlace, as lingerie que envolvem os desejos sexuais, as músicas que representam o amor e a união do casal, os jantares em restaurantes à luz de velas, as salas

de cinemas escuras e oportunas para o namoro, enfim, são diversos objetos de consumo que constituem a lógica do amor romântico moderno e que foram apropriados pela indústria cultural e por seus códigos. Além disso, tem uma forma de apresentar o amor romântico: desafios para ficar com quem se ama, melodrama, dificuldades que são enfrentadas, traição, desejos sexuais, amor que transcende a existência, paixões, felicidades, contemplação e sempre com um final feliz;

Neste caso, passamos a vivenciar o amor romântico através da perspectiva da indústria cultural onde filmes, novelas, publicidade, músicas, revistas e livros de auto ajuda apresentam e narram as nossas aspirações de vida. No dia a dia as pessoas buscam a ventura de um amor romântico e almejam a felicidade eterna.

O fenômeno que pode explicar essa situação provocada e relatada pela indústria cultural sobre o amor romântico, pode ser o que Morin (2007) chama de *Happy End*.

O *happy end* não é a reparação ou apaziguamento, mas irrupção da felicidade. Há vários graus de *happy end*, desde a felicidade total (amor, dinheiro, prestígio) até à esperança da felicidade, onde o casal parte corajosamente pela estrada ao encontro da vida. Uma revolução no reino do imaginário se dá com a irrupção em massa do *happy end*. A ideia de felicidade se torna o núcleo afetivo do novo imaginário (MORIN, p.93, 2007).

Ainda de acordo com Morin (2007, p.97): “O *happy end*, por meio de uma relação de identificação espectador-herói simpático, se inscreve numa concepção articulada da vida”.

Dessa forma, a indústria cultural começa a responder às demandas e aspirações dos indivíduos modernos com suas narrativas e objetos e esses passam a ser doutrinadores da nossa existência.

Entretanto, na vida em sua esfera mais privada, nem sempre o *happy end* é um fenômeno que os casais vão conseguir vivenciar plenamente e ao longo do tempo. O que se percebe muitas vezes é um simulacro da existência e conseqüentemente um abuso no consumo de bens e serviços na tentativa de alcance da felicidade plena.

Segundo Illouz (2009, p. 250) “O romance se entrelaça com os prazeres, as imagens e as fantasias da esfera do consumo, e, também, conta com a racionalidade econômica do capitalismo empresarial”.

Quando a autora vai escrever sobre o amor romântico e a racionalidade econômica do capitalismo percebemos os elementos hedonistas que englobam as narrativas e objetos

de consumo do amor romântico e em contradição a necessidade de disciplina para vivenciar esse amor na esfera privada. Logo, é possível entender que o amor e a racionalização de seus elementos fazem parte do capitalismo e de como precisamos vivenciá-los.

De acordo com Martín-Barbero (2003, p.58) [...] O que está mudando não se situa no âmbito da política, mas no da cultura. Os mentores da nova conduta são os filmes, a televisão, a publicidade que começam transformando os modos de vestir e terminam provocando uma metamorfose dos aspectos morais mais profundos.

O autor vai explorar o conceito de melodrama e como o gênero agrada tanto e faz tanto sentido para a realidade latino-americana.

É como se estivesse nele o modo de expressão mais aberto ao modo de viver e sentir da nossa gente. [...] o melodrama continua a constituir um terreno precioso para o estudo da não-contemporaneidade e das mestiçagens de que estamos feitos. Como nas praças de mercado, no melodrama está tudo misturado, as estruturas sociais com as de sentimento, muito do que somos- machistas, fatalistas, supersticiosos –a de que sonhamos ser, o roubo da identidade, a nostalgia e a raiva. [...] O melodrama explora nestas terras um profundo filão de nosso imaginário coletivo, e não existe acesso à memória histórica nem projeção possível sobre o futuro que não passe pelo imaginário. De que filão se trata? Daquele em que se faz visível a matriz cultural que alimenta o reconhecimento popular na nossa cultura.(MARTÍN-BARBERO 2003, p.304)

A cultura de massa traz uma nova forma de produzir e de consumir, e essa nova lógica transformou a maneira de se viver. Consequentemente, a maneira como nos relacionamos com as pessoas, os relacionamentos de casais, as famílias, as relações de trabalho tudo possui um arquétipo pré-estabelecido que é reconhecido em nossa cultura popular e alimentado pela indústria cultural.

A cultura de massa, incapaz de cristalizar-se verdadeiramente como religião da vida privada, é também incapaz de alcançar além da esfera privada. Assim como não pode institucionalizar-se em religião, também não pode basear-se no poder temporal e dispor de aparelho coercitivo. [...] Baseia-se apenas no mercado, no consumo, na libidinagem.
(MORIN, 2007, p. 167)

O autor ainda complementa sobre a cultura de massa: “Ela torna fictícia uma parte da vida de seus consumidores. Ela “fantasmaliza” o espectador, projeta seus espíritos na

pluralidade dos universos figurados ou imaginários, faz sua alma emigrar para os inúmeros sócios que vivem para ele (MORIN, 2007, p. 169).

Os produtos da cultura de massa podem nos servir de consolo ou distração para vida que vivemos e além disso, nos instigam a tentativa de imitação que nem sempre é exitosa.

O lar se torna também a sede de uma crise latente: crise do casal, crise do amor e do erotismo, crise da relação pais-filhos. Assim, a indústria cultural dirige seus pseudópodos para uma utopia mais intensa, embora provisória- a dos lazeres, dos fins -de- semanas e, sobretudo, das férias, nas quais se propõe realizar, com todo conforto moderno, o estado de natureza idílica, livre, rousseauísta, que é recorrente de uma civilização técnico- burguês-urbana cada vez mais afastadas das fontes biológicas. (MORIN, p.112, 2006).

E, a partir desta realidade podemos começar a observar o objeto de estudo deste trabalho, a violência doméstica e familiar contra as mulheres. Na verdade, um relacionamento de amor romântico em toda a sua formação arquetípica e cultural não conta com a agressão do parceiro na parceira, mas a realidade da vida privada pode ser bem diferente.

A realidade brasileira aponta ano a ano um aumento dos índices de violência contra as mulheres. Em 2020 o índice de feminicídios cresceu 22,2%, de acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Os dados gerados pelo Relatório Violência Doméstica durante a pandemia de Covid-19 apontam que a pesquisa no ambiente digital registrou um aumento em 431% de relatos de brigas de casal por vizinhos entre fevereiro e abril de 2020 – sendo que 53% dos relatos foram publicados apenas no mês de abril de 2020.

Já a Pesquisa Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher do ano de 2021 mostra que 27% das brasileiras já sofreram algum tipo de violência doméstica ou familiar praticada por um homem. Além disso, 86% das brasileiras acreditam que houve aumento na violência cometida contra pessoas do sexo feminino no último ano.

A seguir faremos análise de três ciclos de pesquisa do Data Senado com o Observatório da Mulher contra a violência e avaliaremos os dados dos anos de 2017, 2019 e 2021, como a violência contra as mulheres acontecem das relações amorosas românticas.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER NAS RELAÇÕES DE AMOR ROMÂNTICO.

O Instituto de Pesquisa Data Senado realiza bianualmente uma pesquisa de opinião, em parceria com o Observatório da Mulher contra a Violência (OMV), para ouvir cidadãs brasileiras acerca de aspectos relacionados à desigualdade de gênero e a agressões contra mulheres no país. (BRASIL, Senado Nacional, Instituto de Pesquisa Data Senado 2023).

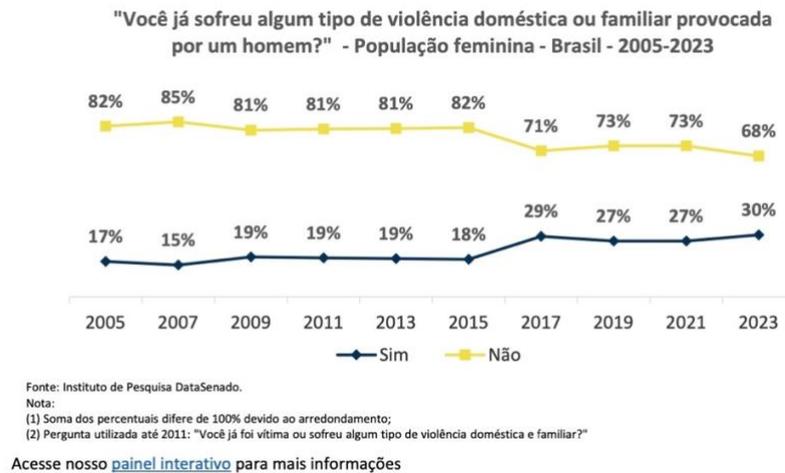
A pesquisa é realizada desde 2005 e está na sua décima edição, para a tese foi escolhido realizar a análise dos quatro últimos ciclos (2017, 2019, 2021, 2023) por dar conta de um cenário de informações e realidades atuais e por ser os anos que a pesquisa padronizou perguntas sobre o conhecimento da lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006). Vale ressaltar que a pergunta de pesquisa deste artigo é: A violência contra as mulheres acontece de um amor romântico?

O método da pesquisa é de amostra probabilística, entre mulheres, brasileiras, com mais de 16 anos e residentes em todos os estados da federação. Nos quatro últimos ciclos foram realizadas entrevistas por telefone, em amostra representativa da opinião da população feminina brasileira segundo os dados mais recentes de cada ano do IBGE. No ano de 2021 foram entrevistadas 3.000 mulheres, em 2019 foram entrevistadas 2.400 mulheres, já em 2017 foram entrevistadas 1.116 mulheres. No ano de 2023 foram um total de 21.808 mulheres entrevistadas o que aumentou consideravelmente o tamanho da amostra em comparação aos demais anos, neste ano 21 são mulheres transgênero que, por falta de dados estatísticos oficiais para servir como parâmetros de ponderação para fins inferenciais, terão suas percepções analisadas em outro momento. O nível de confiança das informações é de 95% e a margem de estimada é na média de 3 pontos percentuais para cima ou para baixo. As entrevistas são realizadas por mulheres.

Na pesquisa possui uma sessão de perguntas sobre a violência na pele, essas questões são destinadas às mulheres que já sofreram algum tipo de violência doméstica ou familiar. O percentual de mulheres que declaram já ter sofrido algum tipo de violência doméstica ou familiar provocada por um homem chegou no patamar de 29% em 2017,

27% em 2019 e se manteve estável em 2021 e em 2023 foi para 30% das respondentes. (BRASIL, Senado Nacional, Instituto de Pesquisa Data Senado 2023)

Figura 1: Você já sofreu algum tipo de violência doméstica ou familiar provocado por um homem?



Fonte: Gráfico Pesquisa Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, ano 2023.

Em 2021 para apenas 10% das brasileiras, a violência contra mulheres permaneceu igual nos últimos 12 meses, enquanto 2% apontam redução. Nos três ciclos percebe-se uma curva crescente em percepção de aumento de violência contra as mulheres e uma curva decrescente em permaneceu igual ou diminuiu a violência. Este dado nos evidencia que ao longo desses últimos anos a violência contra as mulheres tem aumentado e que as mulheres percebem e sentem isso. Em 2023, o número cai para 74% das mulheres que percebem um aumento da violência contra as mulheres nos últimos doze meses. Vale apresentar que em 2023, 19% das entrevistadas acreditam que a violência contra as mulheres permanece igual enquanto em 2021 esse número era de 10% da amostra.

Dessa forma, pode-se entender que a sensação da amostra não é de melhora de um ciclo de pesquisa para o outro, e sim, uma situação de permanência da violência contra as mulheres. É importante frisar, que a percepção sobre a incidência da violência doméstica nos últimos 12 meses varia de acordo com a cor/raça da mulher. Mulheres pretas, pardas e indígenas percebem um aumento da violência doméstica e familiar em percentuais maiores, isto é 76% acreditam que aumentou, enquanto 71% das mulheres brancas ou amarelas acreditam que aumentou.

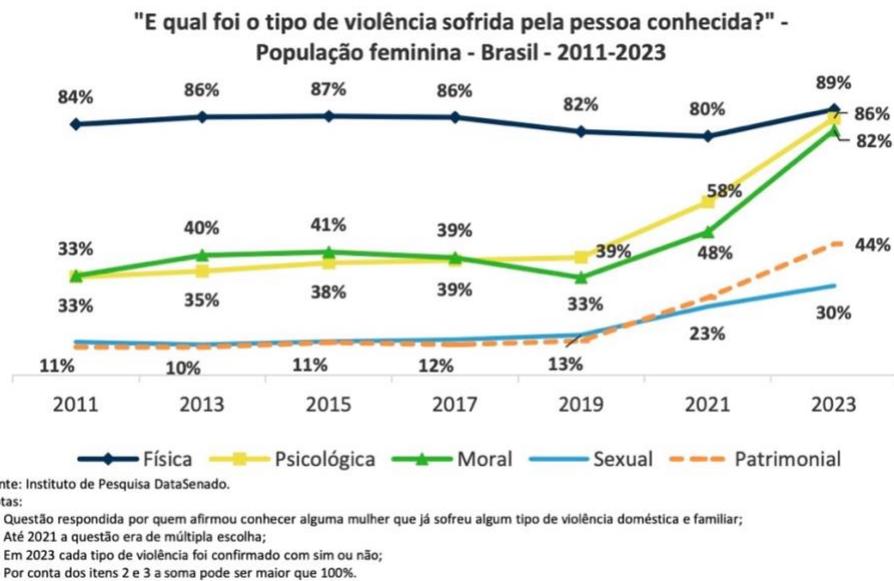
Outro fator que influencia na percepção feminina sobre a incidência da violência doméstica nos últimos 12 meses é a renda. Quanto menor a faixa de renda, maior a percepção de que a violência familiar aumentou. As mulheres com até 2 salários-mínimos somam 78%, as entre 2 e 6 salários somam 70%, já as que ganham mais de 6 salários somam 62%. Esse dado, talvez, nos traga uma luz sobre como a independência financeira da mulher irá ajudá-la a viver uma vida em que aceite menos a exposição as violências geradas por parceiros.

Em 2023, 68% da amostra conhece uma ou mais mulheres vítimas de violência doméstica ou familiar. Esses dados nos possibilitam entender que a violência contra mulher ocorre em alta escala no Brasil e que as mulheres percebem e entendem a violência.

Quando perguntam qual o tipo de violência sofrida a principal respostas ao longo dos quatro ciclos é a física, 86% em 2017, 82% em 2019, 79% em 2021 e 89% em 2023 e se considerarmos a margem de erro é um percentual linear ao longo dos anos. Entretanto, no ciclo de 2023, percebe o contínuo aumento significativo nos demais tipos de violência, a pesquisa sugere maior consciência das brasileiras sobre as várias formas de manifestação da violência contra mulheres no país. Sobretudo nas violências morais (82%) e psicológicas (86%), logo podemos dizer que as mulheres estão mais atentas aos mais diversos tipos de violência, criando conhecimento e tendo informação sobre os abusos. Vale ressaltar, que neste ciclo foi mudado a forma como era realizada a pergunta o que pode ter impactado o resultado da série histórica. Enquanto em 2023 cada tipo de violência foi apresentado individualmente para ser confirmado se ocorreu ou não com a pessoa conhecida, até 2021 os tipos de violência eram apresentados em conjunto e respondidos em múltipla escolha.

Esse cenário nos mostra que vivemos um momento oportuno para a reeducação da sociedade patriarcal sobre cidadania e dignidade humana no que envolve questões de desigualdade de gênero e a agressões contra mulheres no país.

Figura 2- E qual foi o tipo de violência sofrida pela pessoa conhecida?



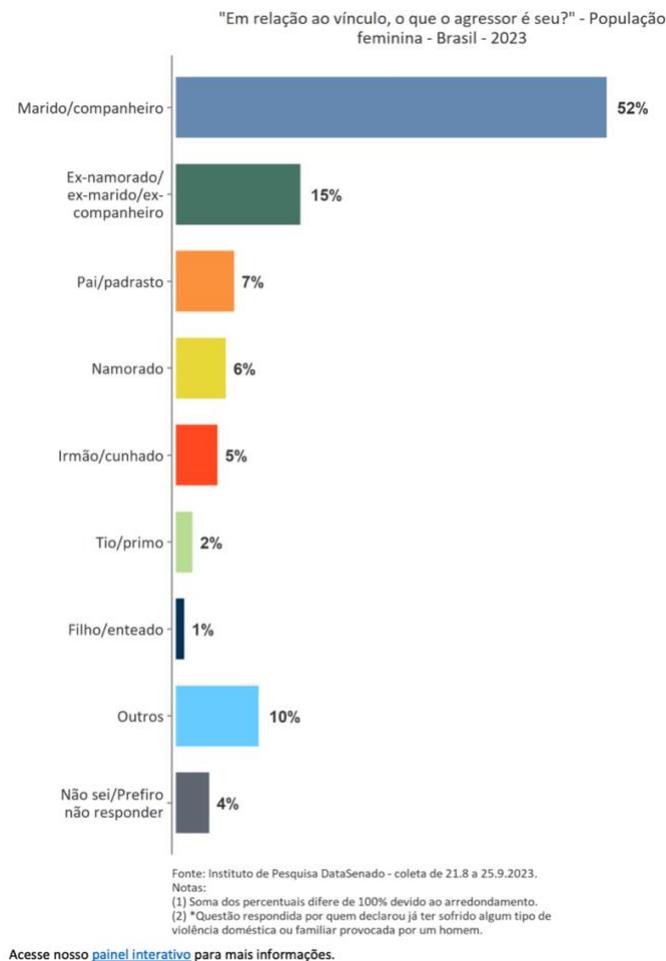
Fonte: Gráfico Pesquisa Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, ano 2023.

Perguntas referentes a denúncia das agressões, percebe-se um número bem equilibrado ao longo dos ciclos das pesquisas e com pouca variação. No ciclo de 2021, 63% das brasileiras acreditam que as vítimas de agressão a formalizam às autoridades na minoria das vezes. E, para 24%, as vítimas não denunciam as agressões. Entre as principais razões por não denunciar as agressões, o medo do agressor é o comportamento mais apontado com 75% do percentual no ciclo de 2021. Vale ressaltar, que em 2017 o índice era de 71% e em 2019 era de 68% logo é o principal motivo ao longo dos últimos anos.

Quanto ao vínculo do agressor com a vítima à época da agressão, 52% das mulheres que já sofreram violência doméstica ou familiar praticada por um homem afirmam que ele era marido ou companheiro, 15%, que ele era ex-marido ou ex-companheiro, 7% pai ou padrasto, 6%, que ele era namorado e 5%, que ele irmão ou cunhado. (BRASIL, Senado Nacional, Instituto de Pesquisa Data Senado 2023)

Esses dados corroboram que a violência contra as mulheres em sua grande maioria acontece nas relações íntimas de afeto, e por mais que boa parte das mulheres que sofreram alguma violência doméstica conseguiram se desvencilhar do agressor, (20 %) delas não conseguiram e ainda convivem e a grande maioria (80%) continuam casadas com seus agressores. (BRASIL, Senado Nacional, Instituto de Pesquisa Data Senado 2023)

Figura 3: Quem foi o agressor?



Fonte: Gráfico Pesquisa Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, ano 2023.

No ciclo de 2023 entre as mulheres agredidas por marido ou companheiro, 73% afirmam que o vínculo se desfez. Esse percentual é de 94 % entre as mulheres que afirmam ter sofrido agressão por parte do namorado. Entre as mulheres cujo relacionamento com o agressor terminou, 90% avaliam que a agressão sofrida influenciou muito para isso, o que sugere que parte significativa das mulheres vítimas de violência doméstica está conseguindo pôr fim a relacionamentos abusivos. Avaliando os quatro últimos ciclos de pesquisa boa parte das mulheres que sofreram ou sofrem agressão

doméstica ou familiar o agressor era ou é um companheiro amoroso. Se olharmos apenas os dados do agressor marido ou companheiro percebemos um aumento considerável nos percentuais, de 39% no ano de 2017 para 52 % no ano de 2023. (BRASIL, Senado Nacional, Instituto de Pesquisa Data Senado 2023)

Entretanto no ciclo de 2021 houve um aumento considerável percentual na condição de 'depende financeiramente do agressor', com 46% das menções, e o fato de 'preocupar-se com a criação dos filhos', apontado por 43% das brasileiras. Isso nos sugere uma realidade bastante dura no Brasil que é a desvalorização das mulheres no mercado de trabalho, mesmo com as mulheres tendo mais tempo de educação do que homens no Brasil³, acompanhado da banalização e do distanciamento entre mercado de trabalho e a maternidade. Mulheres mães tem dificuldade maiores em manter-se nos empregos⁴.

Ao longo dos três ciclos (2017, 2019 e 2021) se mantém muito linear a percepção do machismo no Brasil , no ciclo de 2021, 71% das brasileiras acreditam que o país é muito machista, contra apenas 3% nada machista. Sim, os dados não mentem e são das mais diversas fontes que somos um país machista, e, o maior problema é que esse machismo enraizado dá a uma parcela significativa dos homens brasileiros a ideia de direito e posse de suas mulheres, inclusive para a agressão. Num país desigual como o nosso os efeitos desse machismo só pioram para as mulheres com menos escolaridade e poder econômico que na maioria são mulheres pretas e pardas.

No ciclo de 2021 entre as mulheres agredidas por marido ou companheiro, 79% afirmam que o vínculo se desfez. Esse percentual é de 100% entre as mulheres que afirmam ter sofrido agressão por parte do namorado. Entre as mulheres cujo relacionamento com o agressor terminou, 90% avaliam que a agressão sofrida influenciou muito para isso, o que sugere que parte significativa das mulheres vítimas de violência doméstica está conseguindo pôr fim a relacionamentos abusivos.

Avaliando os três ciclos de pesquisa boa parte das mulheres que sofreram ou sofrem agressão doméstica ou familiar o agressor era ou é um companheiro amoroso. Se olharmos apenas os dados do agressor marido ou companheiro percebemos um aumento considerável nos percentuais, em 2017 39%, 2019 38% e em 2021 52%. Logo,

³ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-03/ibge-mulheres-ganham-menos-que-homens-mesmo-sendo-maioria-com-ensino-superior>

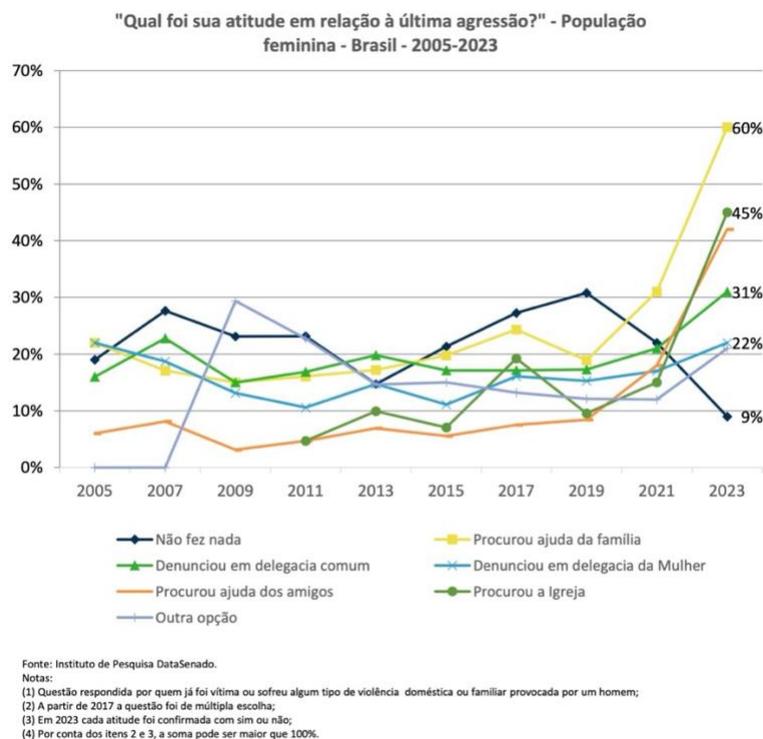
⁴ <https://portal.fgv.br/think-tank/mulheres-perdem-trabalho-apos-terem-filhos>

conseguimos responder nossa pergunta de pesquisa que a violência contra as mulheres acontece de um relacionamento amoroso, isto é do amor romântico.

No ciclo de 2023 temos um dado bastante positivo com relação a qual foi atitude da mulher após a última agressão. Apenas 9% da amostra não fez nada, 60% procuraram ajuda da família, 45% procuraram a igreja, 45% procuraram a ajuda de amigos, 31% das mulheres denunciaram em delegacia comum, 22 % denunciaram em delegacia da mulher, 22% outra opção.

Sendo assim, o último ciclo sugere que as mulheres estão buscando ajuda, entretanto precisamos frisar que a família, amigos e igreja não podem fazer o papel que o estado juntamente as políticas publicas afirmativas no combate à violência contra as mulheres deveriam estar realizando.

Figura 4- Qual foi sua atitude em relação à última agressão?



Fonte: Gráfico Pesquisa Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, ano 2023.

Esse cenário nos mostra que vivemos numa sociedade patriarcal onde boa parte dos maridos ou companheiros sentem-se no direito de agredir ou violentar suas esposas e ou parceiras. E, mesmo com todo o deleite do *happy end*, das lógicas hedonistas de consumo e da cultura de massa não conseguimos esconder o que acontece de mais animalesco dentro dos lares. Ainda precisamos discutir e pensar sobre cidadania e dignidade humana no que envolve questões de desigualdade de gênero e a agressões contra mulheres no país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas considerações finais deste artigo conseguimos responder a nossa pergunta de pesquisa, sim, a violência contra as mulheres no Brasil acontece de um amor romântico e essa resposta nos abre portas para traçar como serão os estudos daqui para frente.

Vale ressaltar, que a cultura de massa e as lógicas de consumo auxiliam na formação de uma narrativa que traz “felizes para sempre” como elemento constituinte e norteador de um amor romântico. Entretanto, na realidade mais privada das relações íntimas de afeto pudemos perceber a possibilidade da crise, da ruptura, dos problemas entre o casal, e, conseqüentemente, a violência de homens contra às mulheres.

De fato, a pergunta de pesquisa deste artigo foi simples, mas o teor da resposta nos dá um caminho para fazer novas perguntas.

Por qual motivo a violência contra às mulheres ainda é tão presente em nossa realidade? Por que os homens se sentem, ainda, no direito de nos agredir? As narrativas da cultura de massa ultrapassam as fronteiras simbólicas da linguagem e dos meios? Seriam falsas a nossa matriz cultural e conseqüentemente as nossas mediações? Será que o amor romântico existe? Vivemos um simulacro existencial em que a vida para ser correta precisa estar balizada numa perspectiva racional? Existe um relacionamento entre pessoas correto, digno, respeitoso? Como o consumo e a mercantilização do romance influenciam na vida privada das pessoas? De que maneira a comunicação pode ser vista como um elemento transformador e não apenas como uma ferramenta.

Todas essas perguntas e suas possíveis respostas acabam tecendo de uma maneira particular uma tese que, possivelmente, não terá uma solução final ou cartesiana para apresentar, mas a observação de quais caminhos nossa sociedade vem tomando para melhorar a dignidade humana no que envolve questões de desigualdade de gênero e a agressões contra mulheres.

REFERÊNCIAS

ILLOUZ, Eva. El consumo de la utopía romántica: el amor y las contradicciones culturales del capitalismo. Espanha: Katz, 2009.

FORUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Violência doméstica durante a pandemia de Covid 19. 2020.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003 (2a. edição).

MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX. Volume 1: neurose. Rio de Janeiro: Forense, 2007.

_____. Cultura de massas no século XX. Volume 2: Necrose. Rio de Janeiro, Forense, 2006.

PESQUISA VIOLENCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER. DataSenado, 2023. Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/pesquisa-nacional-de-violencia-contra-a-mulher-datasenado-2023>>

PESQUISA VIOLENCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER. DataSenado, 2021. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/violencia-domestica-e-familiar-contra-a-mulher-2021/>

PESQUISA VIOLENCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER. DataSenado, 2019. Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/violencia-contra-a-mulher-agressoes-cometidas-por-2018x2019-aumentam-quase-3-vezes-em-8-anos-1>>

PESQUISA VIOLENCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER. DataSenado, 2017. Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/aumento-numero-de-mulheres-que-declaram-ter-sofrido-violencia>>